

CEP - Centro de Estudos Psicanalíticos

Luis Fernando de Souza Santos
Trabalho semestral - ciclo II (terças 19h30)

A psicanálise como berço ou por que tratamos apenas crianças em nossos consultórios

Se disse Lacan que a mulher não existe e Winnicott que o bebê não existe, podemos pedir licença após as aulas desse segundo ciclo — em torno da formação do sujeito — para dizer que o adulto não existe. Digo isso porque em todos os textos estudados existe uma mensagem residual, na minha interpretação, de que todos os sintomas (incluindo-se aí a personalidade como um sintoma) de um adulto tem sua raiz na infância.

Não é novidade, claro. Os Três Ensaios de Freud já postulavam isso décadas antes que os outros dois principais autores estudados (Lacan e Klein) pudessem adicionar a esse pensamento. O que fica de significativo para mim é que podemos, se quisermos, fazer uma leitura radical desses textos e determinar que nenhum adulto jamais adentrou um consultório de

psicanálise; atendemos sempre apenas crianças, pois mesmo que pessoas crescidas, nos procuram para falar sobre sentimentos, ânsias e sofrimentos que possuem suas raízes na infância. Ou seja, são pessoas adultas que vivem e se comportam de acordo com pensamentos, complexos e recalques formados quando crianças. Em suma, são bebês.

A criança/adulto para Klein

Partindo da belíssima teoria do seio bom/seio mau de Melanie Klein, podemos identificar e melhor entender como são comuns adultos nos quais sobrevivem graves sintomas relativos à má vivência dos primeiros meses da infância.

Deixo para falar dos psicóticos em Lacan, concentrando-me nos neuróticos em Klein. Toda uma sorte de personalidades complicadas e pessoas sofridas pode ser explicada com os textos estudados. Neuróticos clássicos do mercado de trabalho e dos relacionamentos (dois dos três grandes temas nos consultórios, imagino, junto com as relações familiares) podem ser enquadrados na dificuldade infantil de introjeção do seio bom e tolerância/capacidade de reparação para com o seio mau (*grosso modo*, a descrição da posição depressiva): invejosos no trabalho, aqueles com mais ambição profissional do que eles próprios conseguem suportar (vorazes), os que se sentem sempre deixados de lado, diminuídos (falta do seio bom), etc.

Nos relacionamentos temos os controladores, os que veem sempre o bem ou o mal dentro ou fora de si (fixação ou sobrevivência da cisão esquizo-paranóide), etc.

Não é preciso ser psicanalista para conhecer alguns dos casos descritos acima. Para o senso comum são traços pessoais, personalidades incômodas, "é o jeito deles...", mas para a psicanálise é doença, pois causa sofrimento e impede o doente de viver de maneira mais plena, condicionando seus desejos ao princípio de realidade.

Assim, quando chega num consultório um desses casos, imagino que não estejamos atendendo adultos com problemas de adaptação social (visão que talvez fosse a da psicologia), mas sim crianças crescidas, nos relatando o sofrimento que passam porque mamãe não está sempre disponível para lhes amamentar ou porque as adversidades da vida fora do útero lhes são insuportáveis. Nesse caso, imagino, o doente não é analisado no divã, mas deita num berço, a partir do qual o analista tenta tirá-lo, no decorrer das sessões.

A criança/adulto para Lacan

Em Lacan a ideia que tento desenvolver talvez seja até mais clara. Pensando primeiramente nos psicóticos, são quase que literalmente crianças crescidas, presos no estágio em que não há separação entre o eu e o

mundo. Sem tocar o princípio de realidade são às vezes perigosos, para si e para os outros. Conseguimos imaginar uma outra imagem melhor para uma criança encarnada num corpo adulto?

Pensando na clínica das neuroses — menos arriscadas, mas não menos sofridas —, Lacan lança luz nos casos de pessoas que chegam à idade adulta ainda presos à imagem que o outro e o Outro criaram para elas. São pacientes que pensam estar no presente, mas vivem, psiquicamente, décadas atrás, na casinha de mamãe, onde aprenderam quem eram através das projeções dos outros e não do desbravamento da própria personalidade.

Mais específico do que Klein, talvez, podemos entender através de Lacan toda a pletera de pacientes presos a imagens engessadas de si e do mundo, com as quais se identificaram, mas que não fazem jus ao eu e que vieram, ao longo dos anos, minando a vida e causando sofrimento a tais pacientes.

Implicações na clínica

Estudando esses dois autores (e, claro, a base em que todos se apoiam — Freud), temos um arsenal de abordagens na clínica para tratar as crianças crescidas que nela entram.

Imagino que, uma primeira grande implicação seja a de conseguir acolher casos neuróticos graves, que chegam aos consultórios com um ego

em pedaços, justamente porque é impossível viver no mundo adulto com uma psique infantil. Nesses casos, talvez o primeiro trabalho seja o de recolher os caquinhos e dar uma estrutura mínima ao ego para que o processo de análise possa se iniciar, tal o sofrimento e a incapacidade de um bebê, absolutamente desintegrado de passar por um processo analítico. A assim chamada *ego psychology* é indefensável ao propor o fortalecimento do ego como abordagem única da psicanálise. Mas imagino que em estágios iniciais de tratamento de pessoas muito cindidas e mal constituídas seja impossível uma abordagem terapêutica sem um mínimo de acolhimento, suporte e estruturação do ego do analisando.

Em casos menos graves a visão do analisando como um bebê ajuda o analista iniciante a estabelecer a escuta clínica — o discurso do paciente como metáfora. Afinal, todos sabemos que é impossível conversar com uma criança de forma totalmente objetiva, já que seu discurso é sempre quebrado, irracional às vezes, sobre o qual devemos colocar uma camada de subjetividade para entendermos as ideias principais.

Assim, entendo como meu maior aprendizado nesse ciclo o entendimento mais profundo da atenção flutuante, para além da captura de atos falhos, palavras, frases e ideias repetitivas. Muitas vezes podemos pensar que estamos ouvindo o discurso de um adulto e a atenção flutuante servirá para não sermos pegos num encadeamento de ideias racionais ou

cujo objetivo é convencer, o que não tem nenhum interesse para a psicanálise. Mas é que muitas vezes podemos imaginar que estamos ouvindo um adulto deitado num divã, mas seremos mesmo como um ouvido para um bebê deitado no berço, caso no qual ouvir de forma seletiva é primordial.